



## **A DIMENSÃO ESPACIAL DA ESCOLA E A PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE NECESSÁRIA A PARTIR DA INSERÇÃO NO CONTEXTO**

Autor (1) Maria do Socorro Guedes; Co-autor (1): Sílvio César Lopes da Silva; Co-autor (2) Joseilma Ramalho Celestino

UFCG - [socorroguedes4@gmail.com](mailto:socorroguedes4@gmail.com)

UFRN –PPGED - Bolsista CAPES [sclop3@yahoo.es](mailto:sclop3@yahoo.es)

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias- [joramalho10@hotmail.com](mailto:joramalho10@hotmail.com)

### **RESUMO**

A partir de nossa vivência enquanto aluna do curso de geografia e de nossas experiências como pedagoga, fomos a cada dia instigadas a pensarmos o espaço escolar não só pelo prisma do espaço físico. Muitas de nossas ideias sobre a geografia foram formadas de maneira limitada e ao longo dos anos desconstruídas a partir daquilo que fomos aprofundando e estudando. Partido desse pressuposto é que pensamos em refletir essas questões nesse artigo. Assim, o espaço geográfico da escola é antes de tudo um ambiente destinado a acolher estudantes, professores. Enfim, todos que frequentam, o vai e vem de uma instituição que, primordialmente, visa a formação de sujeitos em busca de conhecimentos. Este é um espaço fixo, porém, de transições, as quais os sujeitos se entrecruzam nas suas relações sociais do cotidiano. Dessa forma, esta pesquisa, busca entender como funcionam esses espaços, e como acontece o ensino de Geografia nos mesmos; debater e descobrir suas funções que aqui são vistas como fontes de experiências e de aprendizagem em sua materialidade socioespacial. Assim, é a partir das reflexões aqui sinalizadas que cremos ser possível repensar o espaço geográfico da escola como um modelo social de transições e transformações, como reflexo dos sujeitos e de suas vivências no cotidiano. Dessa forma pensamos o nosso artigo: A dimensão espacial da escola e a prática de ensino de geografia: uma análise necessária a partir da inserção no contexto.

**Palavras-chaves:** Geografia, Espaço escolar, prática de ensino.

### **INTRODUÇÃO**

O espaço escolar vai muito além do espaço físico, sendo o local designado para abrigar alunos, professores, enfim, todos que convivem o dia a dia em sua trajetória em busca de novos horizontes. Assim, nesta pesquisa, buscamos desvendar como funcionam esses espaços, bem como se dá o ensino de Geografia nos mesmos, além de discutir e descobrir suas funções que aqui são vistas como uma fonte de experiências e de aprendizagem em sua materialidade, “que está repleto de signos, símbolos e

(83) 3322.3222

[contato@coprecis.com.br](mailto:contato@coprecis.com.br)

[www.coprecis.com.br](http://www.coprecis.com.br)



sinais que se comunicam e educam a sua produção, distribuição, posse e usos que têm um importante papel pedagógico” (SANTOS, SANTOS e ALMEIDA, s/d, p. 1).

Creemos dessa forma que a leitura da escola é fundamental para a seleção de aspectos metodológicos a serem adotados em diversos momentos da formação de professores, como as etapas de estágio supervisionado. É a partir desta leitura que poderão ser selecionados os conteúdos, objetivos de trabalho, bem como a compreensão das relações estabelecidas entre seus sujeitos, as cobranças mútuas, e outros aspectos que compõem a escola. Assim pensamos a necessidade de refletir sobre tais questões no artigo proposto.

### **ESCOLA: QUE ESPAÇO É ESSE?**

A escola, assim como qualquer outro espaço, compreendido no âmbito das ações humanas se estruturam a partir de características multidimensionais. Essas características, abrangem, ou deveriam abranger, contextos em que as relações sócioespaciais formam uma combinação de elementos que nem sempre são decifráveis no campo das aparências. É necessário, portanto, que as instituições de ensino, especialmente as de ensino básico, sejam vistas como um campo de relações que se combinam e se estruturam conjuntamente. Neste sentido, Frago (apud Scarpatto, 2001, p. 57) salienta queo espaço escolar:

[...]carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que habitam. O espaço comunica; mostra a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo. Um emprego que varia em cada cultura; que é um produto cultural específico, que diz respeito não só as relações interpessoais – distâncias, território pessoal, contatos, comunicação, conflitos de poder -, mas também à liturgia e ritos sociais, à simbologia das disposições dos objetos e dos corpos – localização e postura – à sua hierarquia e relações.

Para além das relações hierárquicas e de poder presentes no espaço escolar, este também é o lugar onde ocorrem experiências de vida e aprendizagens significativas. No entanto, é importante que este espaço não seja visto como apenas espaço de convivência, pois “essepensamento traz a ideia de espaço como algo naturalizado, geralmente acessório outerreno de relações” (MARQUES, 2013, p. 6). Sendo assim, “tratar a escola como um mero espaço de socialização retira desta a riqueza das relações e processos que a ela são inerentes, não só como instituição, mas como esfera da vida social, que também dela não se dissocia” (Idem, ibidem).



Dessa forma, ao considerarmos a escola em sua dimensão espacial, incorporamos seu cotidiano ao conjunto de elementos a serem investigados pela Geografia. “Trazemos, com isso, a disciplina para a realidade dos estudantes” (SERRA, ROCHA; MARQUES, 2016, p. 5737).

Dentro desse contexto, pensar a organização do espaço escolar, bem como do espaço da aula, é importante, pois como nos mostra Kimura:

Na organização dos espaços escolares colocam-se questões cuja importância está no fato de (im)possibilitar o desenvolvimento da aprendizagem. Por exemplo, como o espaço das aulas de Educação Física e de recreio interfere (ou não), dadas as repercussões que poderão advir na condição acústica do ensinar-aprender dentro das salas de aula (KIMURA, 2008, p. 27).

Diante do exposto, a autora ainda nos leva a refletir sobre questões como:

Como o espaço de sala de aula está organizado? É possível, sempre que necessário, fazer alterações na disposição das carteiras? Será que existem espaços destinados para biblioteca ou espaços para atividades de leitura? Será que existem salas-ambientes, tão importantes para o ensino de Geografia? (idem, ibidem).

Tal reflexão é importante, uma vez que dependendo do conteúdo a ser abordado pelo professor e do objetivo da aula devem-se fazer uso de diferentes ambientes do espaço escolar. É sabido que expressivo número de escolas públicas não atende as orientações supracitadas, sendo a precarização do espaço-físico escolar fator que dificulta o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Esta afirmação é condizente com a Pedagogia de Freinet<sup>1</sup>, ao defender que “há uma interação entre o aprender e o espaço onde ocorrerá o que pode afetar a aprendizagem do aluno” (SCARPATO, 2001, p. 58).

Dessa forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN propuseram uma organização do espaço físico da sala de aula. Segundo este documento curricular “é preciso que as carteiras sejam móveis, que as crianças tenham acesso aos materiais de uso freqüente, as paredes sejam utilizadas para exposição de trabalhos individuais ou coletivos, desenhos, murais[...]” (BRASIL, 1996, p. 82).

Por mais que os documentos oficiais sugiram saídas para um espaço dinâmico e interativo, os contextos observados e o aqui citado, traduzem realidades distantes das propostas, uma vez que, engessados em espaços geográficas que não mais representam as

---

<sup>1</sup>Célestin Freinet foi um professor do povo. Configurou na escola os princípios de uma educação pelo trabalho e de uma pedagogia moderna e popular. As técnicas de Freinet constituem um leque rico e coerente de atividades que estimulam o tateamento experimental, a livre expressão infantil, a cooperação e a pesquisa do meio (VILAPLANA, 2000).



necessidades da comunidade escolar nem favorecem ao processo ensino-aprendizagem dos alunos.

Esse espaço escolar precisa ser explorado de maneira livre e responsável de tal forma que os estudantes irão precisar do auxílio do professor para direcioná-los de forma em que relacionem o que se viu em sala de aula ao que estão vivenciando fora dela. Para que isto ocorra, é preciso que a estrutura física da escola tenha um espaço acolhedor, organizado e atrativo para que o mesmo possa despertar o interesse coletivo. Nesse processo, o professor deixa de ser o centro e passa a fazer parte de um todo, possibilitando o acesso a outros espaços dentro da escola.

Sabemos que as estruturas físicas de uma boa parte das escolas públicas não oferecem essas condições para tal finalidade, é preciso muitas vezes interferir nessas estruturas para que se consiga fazer algo perto do desejável ou até mesmo se buscar fora o que não se encontra dentro, lembrando também que em algumas instituições existem espaços aonde os estudantes sequer conhecem, são locais hierarquizados onde esses alunos são proibidos de entrar, havendo assim um abuso de poder.

## **A GEOGRAFIA NA ESCOLA**

O saber geográfico acompanha a vida em sociedade, pois como afirma Delgado de Carvalho (1970) “os conhecimentos geográficos são, pode dizer-se, contemporâneos do aparecimento do homem sobre a Terra, mas o ensino sistemático e formal de Geografia é uma disciplina relativamente nova” (1970, p. 24). Nas Sociedades Antigas podemos observar a apropriação dos conhecimentos geográficos, uma vez que a representação da Terra já interessava aos Gregos, e em Roma foi desenvolvida semanalmente a abordagem regional. No entanto, esse conhecimento ainda não se encontrava sistematizado não se configurando assim como ciência, bem como esses avanços não chegaram à escola.

Apesar de antiga a origem do conhecimento geográfico, este “encontrou-se por muito tempo disperso. Este estado [...] só começou a se modificar por volta do final do século XVIII” (ROCHA, 2009, p. 76). É neste período que significativas transformações surgem no âmbito do ensino de Geografia:

Em França, no tempo de Luiz XIV, os colégios dos padres oratorianos apresentavam mapas murais para o estudo da Geografia que era ministrado por professor especial de História Natural. Já havia, porém, oposição a esta disciplina, pois Malebranche repudiava História e

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

**www.coprecis.com.br**



Geografia, “causas de distração”, para só conservar as “ciências de demonstração” como lógicas e matemática”. O século XVIII, ao lado de numerosos trabalhos geográficos, viu surgir os primeiros compêndios escolares, destinados à memorização de fatos; eram simples, ingênuos e às vezes com noções curiosas; alguns eram formados de perguntas e respostas. A “Geography made easy” de Morse, impressa em New Haven, em 1784, advertia que “o alto mapa é sempre o norte” (CARVALHO, 1970, p. 27).

No entanto, só no século XIX ocorreu “a entrada da Geografia no ensino e sua evolução como disciplina primária e secundária, e bem assim a sua penetração no ensino universitário” (CARVALHO, 1970, p. 27).

No Brasil, a institucionalização de uma Geografia escolar se dá com a criação do Imperial Colégio Dom Pedro II, em 1837 no Rio de Janeiro (ROCHA, 2014). Segundo o autor, esta disciplina surge com características de uma Geografia Clássica, marcada pela descrição e nomenclaturas, sendo esta “alçada para transmitir valores patrióticos e nacionalistas” (DIAS, 2013, p. 55). Esse panorama de uma Geografia descritiva só vai começar amudar na década de 1920, com a chegada de Delgado de Carvalho<sup>2</sup> ao Brasil. Como professor de Geografia do Colégio Dom Pedro II, Delgado é o responsável pela inserção de uma Geografia de orientação Moderna em nosso país. Segundo Pessoa (2007, p. 46):

Delgado de Carvalho tinha pleno entendimento da mediocridade que até então era característica do ensino de geografia no Brasil no início do século XX, uma geografia alheia, e que nada se aproximava da geografia científica que já vinha sendo desenvolvida na Europa. Dessa forma, principalmente em relação à metodologia empregada para o ensino dessa disciplina, convergiu suas críticas para aquilo que nomeou de “concepções geográficas tradicionais.” Destacava, no interior dessas concepções, a geografia de caráter administrativo, isto é, o estudo do território brasileiro a partir de sua divisão por estados da federação, e a geografia de caráter nomenclaturista, cuja única finalidade era conferir nomes, privilegiando a memorização em detrimento do conhecimento.

A Geografia escolar emoldurada em padrões descritivos perdura até “os anos de 1970, quando se institui no país os estudos sociais e se verifica o surgimento de uma Geografia escolar muito conservadora, atrelada à perspectiva pedagógica tecnicista” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 24). É nesse período que surge no Brasil o movimento de renovação, em que se cogitou as mudanças em torno da proposta de pesquisa e ensino (CAVALCANTI, 2013), conhecida como Geografia Crítica. Ainda segundo Cavalcanti:

---

<sup>2</sup> Carlos Delgado de Carvalho. Intelectual de formação francesa, cidadão brasileiro, só conheceu o país apenas em 1906, aos 23 anos de idade. Seu pai, diplomata ligado à monarquia, rejeitou o regime republicano, passando a ignorar sua pátria. Na Suíça, onde a família passou a viver, sequer ensinou a língua portuguesa ao filho. Despertado pelo relato de brasileiros que viviam na Europa, Delgado de Carvalho resolveu estudar nossa Geografia para sua tese de doutoramento na Escola de Ciências Políticas de Paris. Após empreender longas viagens por nosso território, elaborou *Le Bresil meridional etude economiquesurleatatsdu* (São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (1910) e *Geographia do Brasil* (1913) (COSTA, 2008).



O movimento de renovação do ensino de Geografia, no Brasil, nos últimos 20 anos tem sido marcado pela abertura de espaços de debates científicos (encontros e congressos nacionais, regionais e locais) para a discussão e a divulgação de novas propostas, pela produção de trabalhos dedicados a esse tema e, também, pela produção de livros didáticos que buscam operacionalizar tais propostas (2013, p.20).

O movimento de renovação do ensino de Geografia nas escolas fez parte do movimento de renovação curricular dos anos 1980 que objetivavam a melhoria da qualidade do ensino que passava por uma revisão dos conteúdos e das formas de ensinar e aprender as diferentes disciplinas dos currículos da escola básica (PONTUSCHKA, PAGANELLI; CACETE, 2007).

Em suma, concordamos com Pontuschka (2000) ao afirmar que não é possível pensar o ensino e a aprendizagem da Geografia sem pensar que ela é parte integrante do contexto escolar. Juntamente com outras disciplinas, a Geografia pode ser um instrumento valioso para elevar a criticidade dos alunos, pois trata de assuntos intrinsecamente polêmicos e políticos, quebrando a tendência secular da escola como algo tedioso e desligado do cotidiano (KAERCHER, 1999).

O espaço escolar é assim parte do cotidiano do aluno, a utilização de diversos ambientes deste espaço como laboratório, biblioteca, pátio, nas aulas de Geografia torna-se necessário para proporcionar um aprendizado elementar e significativo. (Foto-01 e 02)

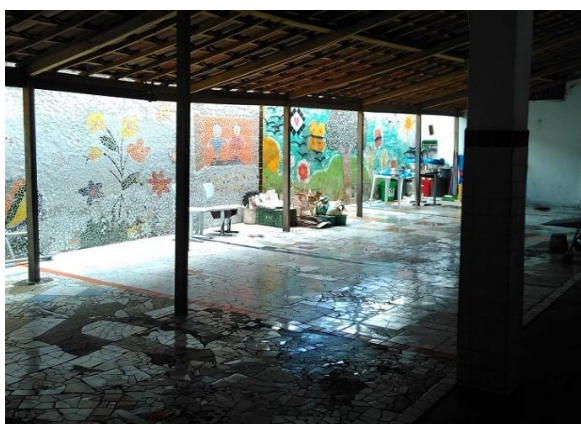


Foto01: Espaço do Refeitório. Fonte: GUEDES, 2017

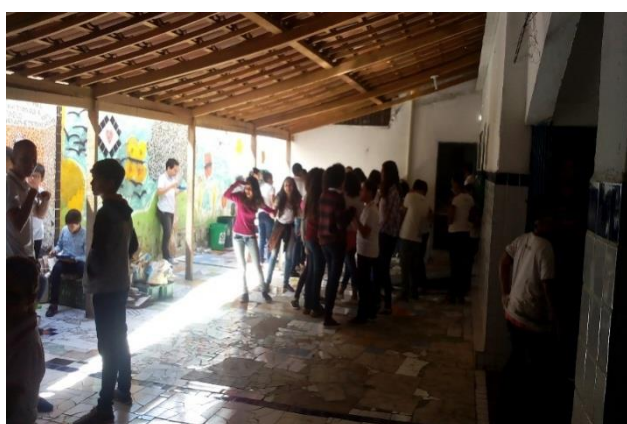


Foto 02: Refeitório inadequado. Fonte: GUEDES, 2017

## CONTRIBUIÇÕES DE DELGADO DE CARVALHO

A Geografia escolar é uma disciplina que por sua essência se mostra ativa, quando surge apoiada em trabalhos de campo, proposta didática a partir da interação direta com a natureza (CARVALHO, 1941). Para este autor, o

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

[www.coprecis.com.br](http://www.coprecis.com.br)



espaço a ser realizado a aula pode mudar o objetivo desta:

O jovem professor de Geografia treinado nas nossas universidades, se acha compenetrado das idéias modernas aplicadas ao ensino de sua matéria. Êle sabe, por exemplo, que o professor nunca deve 'dominar a situação', mas esperar o "despertar do interesse" no aluno, êle foi ensinado a levar os seus educandos habilmente ao desejo de conhecer, a sentir a necessidade de pesquisar. [...]Entretanto, a este mestre cheio de entusiasmo sadio, é entregue um programa, do qual a primeira linha apresenta a expressão: "Sistema solar". A meninos e meninas de onze anos em primeira série ele vai ter de ensinar, sem "dominar a situação", bem entendido, o sistema solar. Duas noites de sono vai êle pelo menos passar, meditando o modo de despertar o interêsse dos alunos sobre o plano da eclíptica e fazê-los sentir a necessidade de conhecer as órbitas dos planetas inferiores. Talvez, na sua insônia, seja levado a se aproximar da janela e a contemplar a noite. Se for estrelada, êle pensará consigo mesmo: "Ah... se minha aula fosse à noite, eu poderia facilmente alcançar meu objetivo... [...] O jovem professor teria razão: a sua intuição confirmara os ensinamentos que lhe foram ministrados. O contacto com a realidade determinaria, por si só, o início de todo um processo de aprendizagem (CARVALHO, 1941, p. 866).

Delgado de Carvalho defendia que o ensino de Geografia deveria partir da realidade do aluno, ou seja, "o começo deveria se dá pela própria sala de aula seguindo para o pátio ou jardim da escola" (DIAS, 2013, p. 66). Para Delgado de Carvalho, "a partir das poças d'água do pátio se poderia fazer alusão a lagos, rios, nascentes, ao ciclo da água, da mesma forma que as aparências da crosta terrestre poderiam ser vistas no pátio em dias de chuva" (SANTOS, 2005 *apud* DIAS, 2013, p. 66). Para o autor, a observação a partir da prática no pátio da escola, se dava como bom exercício uma vez que:

A observação do chão pátio de recreio, que representaria os acidentes geográficos, e da natureza próxima à escola seriam fundamentais para o início de qualquer assunto. O conhecimento deveria ser reforçado com a construção simulada dos acidentes geográficos em tabuleiros de areia, em molduras de argila; posteriormente, na atividade de localizar e completar os mapas e, finalmente, na construção de mapas (SANTOS, 2005 *apud* DIAS, 2013, p. 66).

Outra preocupação metodológica de Delgado de Carvalho é em relação ao próprio mobiliário da sala para aulas de Geografia e até mesmo a criação de salas específicas para estas aulas. Segundo ele, um ambiente adequado era capaz de criar uma "atmosfera de curiosidade sóbria e interesse pelo estudo" (CARVALHO, 1970, p. 127). Para ele:

A mobília e o equipamento da sala contribuem de modo significativo a esta atmosfera, embora não seja isso de primeira importância. Uma sala bem aparelhada deve apresentar uma certa flexibilidade na distribuição de seus móveis. A todo momento, deve haver espaço para se mover facilmente de lado para outro e ter acesso ao material de ensino (*idem, ibidem*).



Delgado de Carvalho ainda afirma que para que o estudante não perca o interesse pela disciplina de estudo, neste caso a disciplina Geografia, é indispensável que se proponha aulas práticas para trabalho individual ou coletivo. No entanto, para que estas aulas práticas aconteçam é imprescindível a organização de “Salas Ambientes” ou “Gabinetes de Geografia”. Para ele,

[...]podem ser organizados os Gabinetes de Geografia, onde não faltarão nem mapas murais, nem fotografias e quadros de paisagens, nem livros, nem revistas, nem atlas geográficos, nem globos, mas onde haverá, além disso, estereogramas, material de meteorologia (barômetros, termômetros, pluviômetros, anemômetro, heliógrafo, etc.), de excursão (padômetro, bússola, trenas, etc.) e fotográfico. Experiências em miniatura podem ser realizadas no tabuleiro de areia, no telúrio, no planetário, no altiscópio, e nos aparelhos diversos, imaginados para demonstrar a formação de dobramento do relevo, as origens das projeções cartográficas, o achatamento dos pólos e outros fenômenos geográficos. Um gabinete geográfico facilmente toma as feições de um museu geográfico quando, em mostruários apropriados, existem produtos de várias origens, amostras industriais, tipos de solo, de rochas, tipos de vegetação, modelos de habitações e dezenas de outras feições de significação geográfica (CARVALHO, 1970, p. 241-242).

Neste ambiente adequado, segundo Delgado (1970) podem ser realizadas atividades de diferentes modalidades como:

- a) A simples preparação de uma lição;
- b) A organização de gráficos;
- c) O desenho de mapas, cortes e cartogramas;
- d) O preparo de bibliografias;
- e) A organização de índices e Estudo dirigido

Diante do exposto, é visto que a aula de Geografia requer dinamicidade, pensar estratégias metodológicas que se realizem em espaços diversos é primordial para garantia de uma aprendizagem significativa que fuja de práticas que priorizem em excesso o uso da memória. Para tanto, é necessárias condições dignas no que se refere as instalações físicas da escola para que assim possa ser organizado/(re)pensado o espaço escolar e conseqüentemente as propostas metodológicas de cada disciplina curricular.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim, quando refletimos sobre a importância da geografia escolar, buscamos situá-la no contexto social o qual nos faz pensar e repensar as constantes transformações ocorridas ao longo dos tempos. Isso nos leva a entender que a





importância da geografia não se limita ao conhecimento de mapas, relevos e planícies, ela nos permite entender aspectos populacionais, culturais, religiosos, além da dinâmica das ações do homem ocorridas ao longo dos tempos, a exemplo, a dinâmica das cidades, dos campos, dos movimentos sociais, a estrutura geomorfológica superficial da Terra, entre outros.

A partir daquilo que observamos ao longo de nossa pesquisa, que a escola, assim como qualquer outro espaço, compreendido no âmbito das ações humanas se estruturam a partir de características multidimensionais. Porém, é preciso atentar que suas estruturas não são apenas espaços simbólicos sem vida, pelo contrário, entendemos esse espaço como espaço semântico, de lutas, conflitos, conquistas, onde outros e relações com este comungam e dão sentido a geografia escola.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. **Dois Momentos na História da Geografia Escolar: a Geografia Clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho.** *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 19 – 51, jul./dez., 2011.

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins; DIAS, Angélica Mara de Lima. **Pensando a formação do professor de Geografia: práticas de ensino e estágio supervisionados em questão.** In: MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; GARCIA, Tânia Cristina Meira; SANTOS SOBRINHO, Djanni Martinho. (org.). *Educação Geográfica: ensino e práticas*. Natal: EDUFRN, 2014. p. 57 – 69.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto.** *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1996.

CARVALHO, Carlos M. D. *A excursão geográfica.* *Revista Brasileira de Geografia*. IBGE, v.3, n.4, out./dez.1941. p. 95-105.

CARVALHO, Luiz Eugênio Pereira; AZEVEDO, Sérgio Malta de. **Diálogo com e para a formação do professor no estágio supervisionado em Geografia.** In: FARIAS, Paulo Sérgio Cunha; OLIVEIRA, Marlene Macário de.(Orgs.). *A formação docente em Geografia: teorias e práticas*. Campina Grande: EDUFPG, 2014. p. 321- 338.

\_\_\_\_\_. *Introdução metodológica aos estudos sociais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1970.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. 18ª ed. Campinas: Papirus, 2013.

COSTA, Patrícia Coelho da. **A Disciplina da Pátria: a Geografia escolar sob o olhar de Delgado de**



**Carvalho.** *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação*. Aracaju: UFS/UNIT, 2008.

DIAS, Angélica Mara de Lima. *Linguagens lúdicas como estratégia metodológica para a Geografia escolar na Revista do Ensino de Minas Gerais*. [Dissertação de mestrado] João Pessoa: UFPB, 2013.

KAERCHER, Nestor André. *Desafios e Utopias no Ensino de Geografia*. 3º ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

KIMURA, Shoko. *Geografia no ensino básico: questões e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARQUES, Roberto. **Por uma perspectiva espacial da escola**. *Revista Brasileira de Educação Geográfica*. Campinas, v. 3, n.5, p. 05-20, jan./jun. 2013. Disponível em: [www.revistaedgeo.com.br](http://www.revistaedgeo.com.br) Acesso em: janeiro de 2017.

PONTUSCKA, Nídia N. **Geografia, Representações Sociais e Escola Pública**. *Terra Livre*. São Paulo. n. 15. p. 145-154, 2000.

PONTUSCKA, Nídia N; PAGANELLI, T; CACETE, N. *Para Ensinar e Aprender Geografia*. 1º Ed. São Paulo. Cortez, 2007.

ROCHA, Genylton O. Rêgo da. **Por uma geografia moderna em sala de aula: Rui Barbosa e Delgado de Carvalho e a renovação do ensino de geografia no Brasil**. *Mercator – Revista de Geografia da UFC*. Ano 08, número 15, 2009, p. 75-94. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewArticle/270>. Acesso em: dezembro de 2016.

\_\_\_\_\_. **O Colégio Pedro II e a Institucionalização da Geografia Escolar no Brasil Império**. *Giramundo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 15 – 34, jan./jun., 2014. Acesso em: dezembro de 2016. Disponível em: [www.cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/article/view/7](http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/article/view/7)

SCARPATO, Marta. *Didática e desenvolvimento integral*. São Paulo: Avercamp, 2012 (Didática na prática).

VILAPLANA, Enric; *et al.* Célestin Freinet: pesquisar e cooperar. In: SEBARROJA,Jaume Carbonell; et al. (orgs.). *Pedagogias do século XX*. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 73 – 84.